



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

EMANUELA COSTA HENRIQUE

**A MORTE NA FILOSOFIA DE SCHOPENHAUER E NA OBRA DE
MACHADO DE ASSIS**

CAMPINA GRANDE- PB

2011

CAMPINA GRANDE – PB

2010

EMANUELA COSTA HENRIQUE

**A MORTE NA FILOSOFIA DE SCHOPENHAUER E NA OBRA DE
MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia

Orientador (a): Profº Drº Antônio Carlos Melo Magalhães

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

H518m Henrique, Emanuela Costa Henrique.
A morte na filosofia de Schopenhauer e na obra de Machado de Assis.[manuscrito]: /Emanuela Costa Henrique. – 2011.
40 f.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Dr. Antonio Carlos De Melo Magalhães, Departamento de Filosofia”.

1. Morte 2. Vida 3. Reflexões I. Título.

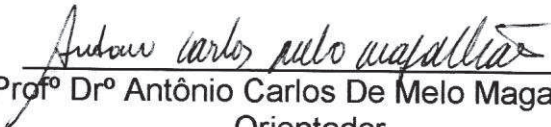
21. ed. CDD 155.937

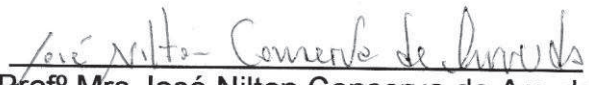
EMANUELA COSTA HENRIQUE

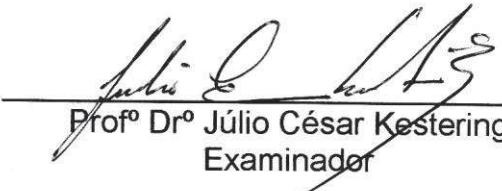
A MORTE NA FILOSOFIA DE SCHOPENHAUER E NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Nota: _____


Profº Drº Antônio Carlos De Melo Magalhães
Orientador


Profº Mrs José Nilton Conserva de Arruda
Examinador


Profº Drº Júlio César Kesting
Examinador

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Lúcia, que muitas vezes não compreendendo minhas escolhas não deixou de me apoiar e de se orgulhar de minhas conquistas, amo você, muito obrigado! Sem ela não saberia o valor de muitas coisas na vida, entre elas o poder e a força do trabalho e da dedicação, cuja integridade pessoal aprendi com a vida, construí o sentimento de respeito, carinho e atenção para com os outros. Às minhas irmãs Gabriela Santina e Maria Daniela, que me apoiaram na construção deste trabalho e que desde a nossa infância esteve ao meu lado compartilhando momentos, aprendizados, experiências e conquistas. Agradeço a minha tia, Carmem Lúcia, que assumindo muitas vezes o papel de irmã mas velha, me dedicou atenção, cuidado, carinho e motivação para enfrentar as intempéries da vida.

Ao meu esposo que está sendo o peso para meu equilíbrio e pelo cuidado, atenção e paciência, que muitas vezes cobrou minha presença quando esta não era possível por conta das noites e fins de semanas dedicados ao empenho com este trabalho: meu perdão e meu muito obrigado pelo apoio, pela ajuda, pelas aflições de quando eu necessitava de algo, você não se negava a me socorrer. Com quem desejo viver até o último dos meus dias.

Aos meus amigos mais que irmãos, Rodrigo, Amanda, Elaine, Roberta, Roberto, Debora, que apesar de serem a maior parte deles de outro curso dividiram momentos de discussões intelectuais e de muitas risadas, conversas e entretenimentos. Que isso se repita por muitos e muitos anos.

A minha turma de graduação 2008.1 noturno e diurno, que reservou boas e intensas amizades. A todos vocês, meus agradecimentos.

A meus professores que acreditaram no meu potencial, em especial a meu orientador, pela sua paciência e sua atenção durante esse período de construção desse trabalho, apoiando e servindo como um suporte intelectual Antônio Carlos Magalhães, à minha professora de medieval Simone Marinho que além de ser minha guiadora se tornou uma amiga assim como minha ex- professora de sociologia Waltimar Lula. A vocês agradeço meu amadurecimento intelectual.

À Camila Menezes, que com muito carinho aceitou se debruçar sobre as linhas deste trabalho e fazer as devidas correções ortográficas e gramaticais.

Peço perdão a todos (as) que não pude lembrar-me de citar neste instante, mas que estão presentes de alguma forma neste trabalho.

A todos que fizeram partes integrantes da minha construção intelectual e pessoal, minha gratidão.

RESUMO

A morte consiste em um dos mais instigantes enigmas da humanidade. O que há (e se há, de fato) depois da morte? Para onde vamos depois que morremos? Indagações como estas sempre provocaram inquietações no homem. O objetivo da presente monografia é observar o diálogo que há entre as concepções pessimistas da vida e da morte, propostas por Arthur Schopenhauer (2005) e a obra literária *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1984) de Machado de Assis, observando os pontos divergentes e convergentes entre os dois autores. Para isto, nossa pesquisa versou sobre a seguinte problemática: A partir da concepção de morte em Schopenhauer, como a morte é retratada na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*? Esperamos que por meio do paralelo estabelecido nesta monografia, possamos compreender como se dá a originalidade destas obras em meio à complexa temática, possibilitando observar as críticas e reflexões em termos sociais e metafísicos, presentes na obra de ambos os autores.

Palavras – chaves: Vontade, vida, morte.

ABSTRACT

Death is one of the most intriguing riddles of mankind. Is there (what if actually there is) an afterlife? Where do we go when we die? Quests such as these very ones have always challenged the human's imagination. The purpose of this paper is to observe the dialogue between the pessimist conceptions of life and death, proposed by Arthur Schopenhauer (2005), and the literary work *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1984) by Machado de Assis, observing the divergent and convergent aspects of both authors. Thus, our research examined the following issue: Given the conception of death in Schopenhauer's thought, how is death portrayed in the work *Memórias Póstumas de Brás Cubas*? We hope that, by means of the association established in this paper, we can understand how it happens the originality of these works within the very complexity of this theme, making it possible to analyze the criticisms and considerations in social and metaphysical terms, comprised in the work of both authors.

Key words: Will, Life, Death.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. A CONCEPÇÃO FILOSÓFICA DE SCHOPENHAUER SOBRE A MORTE	10
1.1 A vontade de vida	12
1.2 Diferença entre vontade e representação	19
1.3. A morte em Schopenhauer	20
2. ANÁLISE DA OBRA MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS	23
2.1 Um defunto autor	24
2.2 Machado de Assis e a vontade	26
2.3 A vida em forma de morte	32
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
4. REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

A morte, que tem como princípio a vida, é um dos grandes enigmas da humanidade. Na tentativa de compreendê-la, surge uma infinidade de explicações que procuram solucionar as indagações dos seres humanos quanto à saber o que há (e se há, de fato) depois da morte. Oferecendo possíveis respostas, uma parte da filosofia existencialista se apropriou deste mistério para poder explicar a vida. Nesta concepção, não se reconhece vida sem morte e muito menos morte sem vida. Dentre os filósofos que discutem essa temática, escolhemos, como fundamentação teórica do presente trabalho, as concepções discutidas por Schopenhauer.

Para aplicá-las, nos utilizamos da obra literária *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Deste modo, nosso trabalho versará sobre a seguinte problemática: A partir da concepção de morte em Schopenhauer, como a morte é retratada na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*? Tendo por objetivo: investigar quais os pontos divergentes e convergentes entre as teorias schopenhauerianas e a obra machadiana.

Para desenvolvermos este trabalho, dividimos esta monografia em dois capítulos, além da introdução e conclusão: No primeiro capítulo, discutimos o conceito de morte a partir de Schopenhauer. Para isto, foi preciso nos remeter ao conceito de vontade de vida, que diz respeito ao desejo desenfreado da vontade de manter o indivíduo em vida.

No segundo capítulo, discutimos sobre a originalidade e ao mesmo tempo as influências que Machado de Assis sofreu ao escrever a obra aqui analisada. Ao longo do romance, observamos o quanto Machado foi autêntico em diferir um personagem do seu narrador e como a compreensão das teorias schopenhauerianas foram de grande importância para a fundamentação desta obra literária. Nesta obra, encontramos os seguintes conceitos discutidos pelo filósofo: a natureza do ser, a vontade, pessimismo, ceticismo e a morte.

O interesse em propor o diálogo estabelecido neste trabalho se originou pela maneira singular como Machado aborda a temática da morte, se utilizando desta para criticar as relações sociais. Para isto, o autor busca inspiração nas reflexões propostas

por Schopenhauer, revelando assim, a crítica à sociedade presente na obra destes dois autores.

1. A Concepção filosófica de Schopenhauer sobre a morte

Problematizando filosoficamente questões que trazem experiência ao ser humano, Arthur Schopenhauer (1788-1860) trouxe contribuições muito relevantes para o âmbito da filosofia. Isto porque em suas obras encontramos profundas reflexões sobre temas que passam despercebidos ao olhar comum. Schopenhauer é considerado o filósofo da dor da secularização, do desamparo metafísico, da perda da confiança que existe no princípio das coisas. Este filósofo deixa explícito em sua filosofia o inconsciente, o corpo, o ser, a consciência. Thomas Mann (2001) já o considerava “o mais racional dos filósofos do irracional”. Foi com a obra “o mundo como vontade e como representação” (2005) que Schopenhauer teve reconhecimento, tornando-se um modelo de como pensar sobre a vida, colocando o homem como força primordial para a objetivação da vontade, tornando assim, a razão secundária. Secundária pelo fato de termos uma tendência a subestimar a razão como se ela fosse uma força que controla a vida e a história, mesmo que no século XX a ciência venha fazer seu bem em nome da razão, mas isto não surpreenderia Schopenhauer.

Se voltarmos à época dele, perceberemos que aqueles anos foram os anos “selvagens da filosofia”, caleidoscópio de filosofia com conflitos entre ego e logos que ultrapassa pela natureza Schopenhauer não quis se envolver neste “fogo cruzado” que existia no idealismo ambicioso de Fichte, Hegel e os românticos.

É importante ressaltar que para o filósofo alemão não se deve superestimar a razão. O indivíduo só será livre para poder se render quando acontecer um distanciamento estético do indivíduo do tumulto, ou seja, se elevando há um sublime que vem desde os ensinamentos budistas. Neste sentido, percebe-se que a filosofia schopenhaueriana é voltada para o futuro, mas Schopenhauer sempre teve uma concepção de que a humanidade nunca muda por isso sua filosofia ainda é muito atual.

Sua obra nos apresenta uma tentativa de compreender o mundo não apenas em aspectos particulares, mas como um todo. Este filósofo foi um dos poucos a pensar o mundo a partir de coisas pequenas, consideradas triviais para muitos, mas para filósofos como ele isto não ocorria, pois havia sempre uma forma de filosofar sobre as pequenas coisas que respondem problemas maiores e universais.

Essa compreensão resulta de uma apreensão intuitiva e abstrata de todas nossas representações do mundo. Ambas formam uma classe de representações que são denominadas apenas por conceitos exclusivamente do ser humano, o único capaz de formulá-los. O que nos distingue dos outros animais irracionais, vulgarmente, conhecemos estes termos apenas pela a palavra RAZÃO.

O ponto de partida de tais considerações são as representações intuitivas já que as abstratas são representações por si mesmas. As intuitivas abrangem tudo que o vemos, todo o mundo visível ou as experiências em meio às possibilidades. Uma descoberta feita pelo filósofo alemão Immanuel Kant, que estabeleceu fenômenos únicos chamados de tempo e espaço, fazendo assim com que estes fenômenos não sejam apenas pensados *in abstracto*, mas que também possam ser intuídos. Intuídos, neste caso, não tem significado de imaginação de fantasma extraído da repetição da experiência, apesar de a experiência depender do conhecimento a priori pela intuição. Essas formas universais podem ser pensadas separadamente, o pensamento abstrato só se realiza através do pensamento intuitivo a priori. Ressaltando que estas representações (intuitivas e abstratas) formam uma classe que se denomina conceitos.

Em sua obra mais importante “o mundo como vontade e como representação”, encontramos um diálogo com as teorias de mundo das ideias de Platão, além dos conceitos de *a priori* e *posteriori* e os fenômenos tempo e espaço discutidos por Kant. Embora essas teorias sejam de grande importância, Schopenhauer afirma que sua obra não teria tanto êxito se ele não levasse em consideração as suas experiências de vida, tendo como maior influência a si próprio.

Esta obra citada anteriormente é muito ampla e complexa, pois trata de temas filosóficos partindo sempre de um pressuposto, que é a vontade. Até a morte para ele tem seu princípio derivado da vontade, o qual ele denomina de vontade de vida. Schopenhauer (2005, p. 23) argumenta que “a morte é propriamente o gênio inspirador, ou a musa da filosofia, e por isso Sócrates a definiu como ‘preparação para a morte’”.

Seria difícil filosofar a vida se não pensássemos na morte. A morte que para nós “pobres mortais” é tão indesejada e misteriosa vivemos apenas de deduções que nos leva a criar conceitos religiosos, filosóficos, céticos ou simplesmente nos conformamos que nada há após a morte.

Para Schopenhauer (idem, p. 24) as duas concepções são falsas: tanto a aniquilação total quanto a imortalidade da alma. O fato é que o homem teme a morte como se ela fosse um grande mal, mais do que qualquer outro. “o homem lamenta a morte dos seus, mas não sua perda própria, mas por compaixão pelo grande mal que sucede a outrem”.

A princípio, este filósofo afirma que a morte é um grande mal e todos nós já nascemos temendo-a. Situação esta que é considerada por ele e outros filósofos, a priori, inata. Quando um bebê nasce, ele chora demonstrando seu temor pela vida e conseqüentemente da morte. Mas, se por acaso ele não chorar, o médico já lhe mostra que a vida é dura e dolorosa, fazendo-o inconscientemente desejar voltar ao ventre de sua mãe, lugar seguro e que aparentemente não o leva a morte.

Quando nascemos, nascemos para dar satisfação e servir a vontade de vida, até então não sabemos distinguir o que é vida ou o que é morte. Segundo Schopenhauer, o ventre nos parece como o lugar mais seguro da vida, onde estamos protegidos contra qualquer mal que nos leve a morte, dando a sensação da vida eterna. Quando há o nascimento de uma serva vida seu choro é a resposta do medo da morte que faz parte da vida e é através do choro que a criança demonstra que não quer vir ao mundo, pois sabe que se vir a ele, seu futuro nada mais será do que a morte e o seu único desejo é a vontade de vida.

Quando passamos por um episódio de nossas vidas em que há ameaças contra ela, nossos instintos nos levam sempre a ficar na posição de feto, ou seja, encolhemos braços e pernas e colocamos a cabeça curvada para baixo, pois esta é a posição na qual nos sentimos seguros dentro do ventre de nossas geradoras. Quando ocorre essa defesa já fora do ventre é uma forma, como dissemos anteriormente, de se manter em vida e cada vez mais ir alimentando a vontade de viver. Esse ilimitado apego à vida é explicado por Schopenhauer como a falta de consciência e reflexão, uma vez que criamos um afinco irracional e cego à vida.

1.1. A vontade de vida

O medo da morte se origina da vontade de vida. Para explicar este fenômeno, Schopenhauer defende que essa vontade é no aspecto da sua objetivação. A partir desse aspecto é que surge a “teoria dos atos originários” da vontade, ou seja, arquétipos imutáveis e eternos das ideias platônicas as quais Schopenhauer veio a interpretar como espécies da natureza, ou seja, todos os seres humanos. Através do corpo humano, que é uma objetividade da vontade, a vontade se manifesta com mais força e clareza, mas não é apenas no corpo que ela se manifesta, a vontade tem acesso ao íntimo do ser e é através dele que a vontade pode dar movimento ao corpo, ou seja, pequenos movimentos do nosso corpo só são possíveis porque a vontade permite tal movimento.

O filósofo chama esse movimento, que parte de dentro, de causalidade ou motivação à própria natureza. A parte analógica se encontra na intelecção a todos os corpos do mundo que é guiado pelo sentimento, levando ao conceito de vontade de vida, como universalmente coisa em si que se conclui em fenômenos. Schopenhauer (idem, p. 14) ainda defende que essa objetivação da vontade traz consigo uma espécie de auto discórdia que tem como origem ela mesma, afirmando, deste modo, que a vontade “se espelha na guerra de todos os indivíduos pela matéria constante do mundo, com o fim de exporem, afirmarem a sua espécie”. Essas reflexões o levaram a definir o princípio do sofrimento e dor do mundo formulando um pessimismo metafísico.

Este conflito ocorre pelo fato da existência de uma manifestação da discórdia essencial da vontade consigo mesma. É possível observar este conflito no mundo animal, onde sua alimentação deriva dos vegetais e outros animais. Cada animal se torna presa e alimento de outro, é na matéria que a ideia se expõe. Daí então tem que ser abandonada para a existência de outra, isto é, cada animal só demonstra sua existência afastando de si a exposição da existência contínua de outrem animal. Assim, “a vontade de vida crava continuamente os dentes na própria carne e em diferentes figuras é o seu próprio alimento, até que por fim o gênero humano por dominar todas as demais espécies, vê a natureza como um instrumento de uso” (idem, p. 211).

Schopenhauer faz uma breve passagem na observação acerca da ingenuidade de como as plantas se expressam em seu mundo. De uma maneira aberta e aparentemente livre, as plantas deixam em exposição todo o seu ser, isto é, facilmente

visto por nós chegando a nos encantar facilmente. Com os animais acontece diferente, pois para que se torne conhecido as suas ideias é preciso que haja uma observação do seu comportamento, o homem precisa de uma enorme investigação e avaliação de sua complexidade.

Isto significa que “o animal é tanto mais ingênuo que o homem, quanto a planta é mais ingênua que o animal” (idem, p.222). A planta se mostra tanto que, às vezes, demonstra ter conhecimentos, se mostrando tão única, chegando a se velar e ao mesmo tempo tornando-se dissimulada. Em outras palavras, sua essência aparece e casualmente se isola. Mas é na planta que a vontade de vida está mais explícita, isto é, nua, como afirma Schopenhauer, mas também mais fraca, com o impulso cada vez mais forte em sua existência segue em direção ao um alvo e fim. Na planta, não encontramos nenhum receio à exposição, uma vez que, seus órgãos genitais são visíveis. Ao passo que, os animais nascem com seus genitais um pouco ocultos. Elas não sentem nem um pouco de culpa, pois em meio a sua inocência há falta de conhecimento e é no conhecimento que conhecemos a culpa. Com esta afirmação, podemos nos reportar a um fato bíblico: Adão e Eva. Estes personagens bíblicos que foram punidos por deus por terem descoberto o conhecimento passando então a sentir vergonha e culpa de sua desobediência, mas este é um caso que não será aprofundado no momento.

Ao olharmos para a planta é possível dizer qual é a sua espécie tipo de planta ela é, se é de água, tipo de terra, clima, enfim a planta deixa expostas as principais informações para que possamos cuidar dela, cada planta expressa a sua vontade própria. A vontade é a própria vida, é o próprio mundo. E enquanto estivermos preenchidos pela vontade não precisamos temer a nossa existência. Nossa existência que já foi traçada desde a primeira espécie do mundo. Deixando claro que não é importante, para Schopenhauer, o princípio de todas as espécies, mas apenas o seu meio, ou seja, a vida após o nascimento, onde o individuo nasce para morrer. Ainda conforme o filósofo, o individuo é apenas fenômeno, pois existe apenas no conhecimento do princípio de razão, ou seja, para o princípio *individuationis*.

Segundo esta teoria, o individuo ganha sua vida como um presente inesperado e depois lhe é tomado da mesma forma pela morte. Isto significa que nada é afetado

tanto pelo nascimento muito menos pela morte, nem mesmo o sujeito que conhece, ou até mesmo a vontade, até porque o nascimento e a morte pertencem ao fenômeno da vontade.

A afirmação da vontade de vida é afirmada em si mesma, em sua objetividade, ou seja, no mundo e na vida, a sua essência lhe aparece apenas como representação. Até o momento a afirmação da vontade de vida tem tido um espaço privilegiado em Schopenhauer. Como tudo que se afirma pode ser negado, o mesmo ocorre com a vontade, pois “a negação da vontade de vida, mostra-se quando aquele conhecimento leva o querer a findar visto que, agora, os fenômenos particulares conhecidos não mais fazem efeito como motivos do querer, como o conhecimento inteiro da essência do mundo”(idem,p.371).

Toda essa afirmação ou negação, querer ou não querer, significa que ela quer o mesmo de antes, indivíduo sem consciência do que quer, vontade cega e irracional tornando o conhecimento sempre um motivo, tanto no universal quanto no particular; ou esse conhecimento torna-se um Quietivo, como afirma Schopenhauer, silenciando e suprimindo todo o querer. Portanto, a complexidade da vontade de vida se encontra em nega-lá, alcançar o sublime é quase impossível, pois poucos conseguem chegar a este estado que só é possível através da contemplação do belo da natureza, das coisas que parecem feias e horrorosas aos nossos olhos, mas são belas em sua essência. Contemplá-las é chegar ao nirvana, se livrando por alguns instantes da vontade e tomando consciência disto é uma forma de negar a vontade, conforme observamos nas palavras de Schopenhauer (idem, p. 277).

Em grau ainda maior o sentimento do sublime pode ser ocasionado pela natureza em agitação tempestuosa. Semi-escuridão do mundo e nuvens trovejantes, ameaçadoras. Rochedos escarpados, horríveis na sua ameaça de queda e que vedam o horizonte. Rumor dos curso d' água espumosos. Ermo completo. Lamento do ar passando pelas fendas rochosas. Aí aparece intuitivamente diante dos olhos a nossa dependência, a nossa luta contra a natureza hostil, a nossa vontade obstada; porém, enquanto as aflições pessoais não se sobrepõem e permanecemos em contemplação estética, é o puro sujeito do conhecer quem mira através daquela luta da natureza, através daquela imagem da vontade obstada, para apreender de maneira calma, imperturbável e incólume, as ideias exatamente naqueles objetos que são ameaçadores e terríveis para a vontade. Precisamente nesse contraste reside o sentimento do sublime.

Nesta passagem, Schopenhauer foi expressivo, pôde ser visto “entrelinhas” o sublime e a forma poética de descrevê-lo, fazendo das coisas da natureza que na corrida do dia-a-dia que nos parece tão triviais, tornando-nos incapazes de parar para ouvir o barulho do trovão (alguns até tem medo do trovão sem saber o que ele é ou significa, apenas por ser desconhecido tememos, como acontece com a morte) e é neste estado imperturbável que se atinge o sublime, o indivíduo vira sujeito que conhece, isto significa se livrar momentaneamente do fenômeno vontade.

A morte sempre nos parece assustadora, pois os homens têm medo do não ser, segundo Schopenhauer. Quando existimos (estamos vivos), somos um ser e o temor do não-ser que seria o fim da nossa existência como indivíduo. A morte seria o fim da objetivação da vontade neste ser, mas esse temor que sentimos é inexplicável e sem fundamento, pois este temor deveria também ser sentido diante do tempo de quando ainda não existíamos, que ainda não éramos, ou seja, antes do nascimento do ser, Schopenhauer (idem, p. 27) afirma que “é incontestável que o não-ser do depois da morte não pode ser diferente daquele anterior ao nascimento; ele não merece portanto ser lamentado”

A existência do mal que envolve a morte (não ser) é comum a todo indivíduo que conhece e que não conhece a si mesmo. Mas para Schopenhauer o não ser não é um mal, pois todo não ser tem como pressuposto a existência e até mesmo a consciência. Com a morte há o desaparecimento da consciência e no acontecimento deste conhecimento não comporta nenhum mal.

“O sono é irmão da morte, o desmaio é seu irmão gêmeo” (idem, p.30). Quando dissemos a maneira como queremos morrer, sempre pensamos em morrer dormindo, pois nos parece uma morte sem dores, mas Schopenhauer afirma que a morte violenta não pode ser dolorosa, pois feridas, mesmo as mais graves, em geral não são sentidas imediatamente e, às vezes, apenas notadas por seu aspecto exterior. Elas são mortais e a consciência desaparecerá antes dessa descoberta. Portanto o fim das coisas nos proporciona um alívio.

Schopenhauer (idem, p. 30) diz que se fôssemos ao cemitério e perguntássemos ao cadáver se ele queria voltar a viver ele responderia que não, pois após a morte não sentimos dor, sofrimento que a vida nos trás e a passagem da vida, a morte, será como

acordar de um pesadelo. Assim, “o cessar completo das funções vitais deve proporcionar um alívio singular á força motriz que dirige o que talvez tenha participação na expressão de doce satisfação no semblante da maioria dos mortos”.

Ao que parece, a morte é um estado de alívio e que ninguém deseja voltar a viver. Nisto, Schopenhauer nos mostra o lado benéfico que a morte nos oferece e chegar até este estado é preciso ter se livrado da vontade, ter adquirido consciência e ter ido ao encontro da morte e não querer voltar dela. Mas fazendo uma reflexão sobre a vida, segundo Schopenhauer, não existe nada antes do nascimento e nada após a morte. Logo, não há volta, não teríamos outra chance de viver, só vivemos uma vez, então seria justo só ver o lado mal da vida? E as coisas boas que ela nos oferece? Claro que se fóssemos perguntar isto a Schopenhauer com certeza ele nos diria que estávamos servindo cegamente à vontade, mas o que é a vida se não a própria vontade? E termos consciência disto é se entregar ao “alívio” da morte.

Então, chamar os suicidas de loucos parece ser, segundo a teoria de Schopenhauer, um equívoco, pois eles são os sábios. Se a vida é tão ruim, por que as pessoas não querem morrer? Talvez a resposta esteja em pensar que a morte é uma coisa mal e dolorosa ou o simples fato do medo do desconhecido, mantendo a dúvida do que tem a após a morte, fazendo com que tentemos nos defender dela em vida e querer servir cada vez mais à vontade.

Como já foi dito anteriormente, antes do nascimento e depois da morte não somos nada. Embora grande parte dos seres vivos pense que o nascimento é o começo de tudo, para Schopenhauer, não passa de uma ilusão imposta pela vontade. O nascimento não é o começo de nossa existência. O que ocorre é que a parte infinita do individuo se mantém na continuação da espécie, uma vez que o indivíduo já nasce com a genética dos seus procriadores (seus pais) e são essas qualidades do pai e da mãe que o indivíduo, que é um ser infinito que vai dar continuação a sua espécie, mas ele vai ser mais uma diferenciação da espécie, e continuando sua linhagem só pode ser finito, ou seja, ele é mais um mortal diferente de todos os outros que também são diferentes.

O indivíduo não traz nenhuma lembrança de sua existência anterior ao nascimento e também não levará após a sua morte, pois é na consciência que está

todas as lembranças de sua existência, é na consciência que o homem deposita todo o seu “eu”, ligado a sua individualização.

“Eu serei sempre” e “eu sempre fui”. (2007, p. 55) Essa frase de Schopenhauer, retrata muito esse princípio de individuação, constatando que meu nascimento é apenas a continuação da minha espécie, ou seja, eu sempre fui e sempre serei dessa espécie, o indivíduo será mais um da raça humana. O homem tem a consciência de sua individuação, mas essa consciência é obscura e sempre depende de outros para que haja esse reconhecimento, pois o homem é incapaz de conhecer a si mesmo, ele apenas se conhece como indivíduo, ou seja, apenas como ele se apresenta na percepção externamente.

Nessa percepção, Schopenhauer crítica todos os filósofos que chegaram a por o princípio metafísico da indestrutibilidade e a eternidade do homem em seu intelecto, pois, para ele isto é inadequado devido ao fato desse princípio ser encontrado exclusivamente na vontade, que é totalmente diferente do intelecto, e ela é unicamente primeira e o intelecto citado por Schopenhauer (idem, p. 60) no segundo livro “é um fenômeno secundário e condicionado pelo cérebro; portanto começa e finda com ele”.

A vontade é o meio do mundo dos fenômenos, ela é condicionante, as quais também pertencem ao tempo, tornando-se indestrutível, “com efeito, com a morte perde-se a consciência, mas não aquele que a produziu e a manteve: a vida se extingue, mas não se extingue com ela o princípio de vida, que nela se manifestou. (idem, p.60). A consciência depende do corpo e este acaba levando junto a destruição da consciência daquele indivíduo.

É no mundo dos fenômenos (tempo e espaço) que se objetiva o princípio de individuação. Este se refere ao egoísmo do ser humano ao temer a morte enquanto seu fim e não ao fim da espécie. Colocando o mundo independente desses fenômenos, desaparece toda a diferença entre indivíduo e gênero, tornando-se único, imediatamente um só. Essa unificação acontece porque a vontade tanto se encontra no indivíduo como no gênero, por isso há uma imagem da indestrutibilidade do indivíduo, pelo fato da permanência da espécie. Essa é a oposição fundamental entre o mundo como representação que seria o mundo dos fenômenos e a coisa-em-si, ou seja, o mundo como vontade.

1.2. Diferença entre vontade e representação

Pensar no termo vontade é pensar neste brilhante filósofo alemão, que se vale de seus conhecimentos a respeito de ciências biológicas para conceituar a vontade. É com base nestes conhecimentos que Schopenhauer diferencia a vontade animal e a vontade do homem, introduzindo um discurso filosófico para ambos. Schopenhauer defende que a vontade é livre, autônoma e onipresente, tudo mais só existe a dispor dela, pois ela é a coisa em si, fenômeno. Isto significa que o mundo como fenômeno é espelho da vontade. O indivíduo também é fenômeno que não tem nenhum princípio e nem um fim, ou seja, do nada veio e para o nada voltará, como dito anteriormente.

A vontade por constituir a coisa em si é livre, o que torna o fenômeno submisso, o que é confundido com a necessidade, que é suprimida ou não, mas que se renova a cada instante. A vontade se objetiva nas ações do homem, por meio de um caráter que, por meio desta, a conduta do homem está relacionada com a necessidade. Vale ressaltar que o único fenômeno livre é a vontade, o indivíduo não.

O filósofo alemão ainda afirma que o homem vive a ilusão referente a uma liberdade empírica da vontade. Viver é sofrer, pois a vontade é infinita e jamais saciada, sempre vai faltar algo em nossas vidas, o homem é mais necessitado vivendo sempre em dor e fome de algo.

Feitas tais considerações sobre a vontade, seria uma lástima não tocarmos neste assunto tão importante quanto o outro que seria a representação: “O mundo é minha representação” (2005, p.43). Essa é uma verdade que vale em relação a cada ser que vive e conhece, embora apenas o homem possa trazê-la à consciência refletida e abstrata. E de fato o faz. Então nele aparece clarividência filosófica. (idem, p.43).

“O mundo é minha representação”. Esta frase inicia o primeiro livro “O mundo como vontade e como representação”, tornando evidente o lugar que o ser humano ocupa no mundo. Para cada ser que vive e conhece é impossível perceber o mundo imediatamente. Quando esta consciência acontece é a partir de dois fatores: o pensamento que representa o próprio mundo e em segundo plano a descoberta do

mundo exterior, o mundo elevando o ser a uma consciência cognoscente, chegando à conclusão que o mundo é uma representação.

O que Schopenhauer nos apresenta é o ser humano na presentificação na representação sempre algo que não é lhe posto imediatamente, desta forma o mundo existe do mesmo jeito que ele existe para um ser que representa num dado momento, que só depende da sua representação. A representação é uma concepção, capacidade do ser humano com a ajuda de imagens que nos chega pelos sentidos. Vale ressaltar que a representação é sempre uma representação da consciência tendo como objeto apenas o sujeito que o representa.

1.3. A morte em Schopenhauer

Schopenhauer nos apresenta uma segunda concepção sobre a morte, partindo do ato da procriação. Em primeiro lugar, este filósofo nos afirma que o ato da procriação nos parece sob um duplo aspecto: a consciência interna e externa. A primeira tem um único objeto, a saber: vontade e junto dela todas as suas afecções. A vontade apenas existe no interior dos indivíduos, já a consciência externa se mantém apenas no conhecimento do mundo das representações da realidade empírica das coisas. Schopenhauer enfatiza que o ato da procriação é nada mais do que a forma mais prazerosa e perfeita da satisfação imediata da vontade. É nos órgãos genitais que a vontade é mais explícita e o gosto da satisfação é mais intenso. É nesse prazer altamente carnal que a consciência externa se percebe.

É a primeira trama na qual o artístico se fundamenta, no organismo animal que é tão complexo e inexprimível que necessita de desenvolvimento posterior para tornar-se visível e perceptível aos nossos sentidos externos. Toda essa facilidade que se apresenta na procriação desde a vontade até a objetivação dela faz-nos retornar ao contraste que há entre finito e infinito, onde se vê “a facilidade que a natureza tem de produzir suas *obras* e a falta de cuidado que se tem de preservá-las, a construção dessas mesmas *obras* que nos levam a crer que teria custado uma enorme dificuldade á natureza levá-las a um bom termo, e, portanto, teria de ser velada com extremo

cuidado na sua conserva, e, no entanto, é o contrário que nos aparece aos olhos”. (grifos meu, 2007, p.62)

Análise feita a essa percepção da procriação da espécie, é que o ato só se realiza por dois fatores: primeiro para satisfazer a vontade, que é incessante e cega. E em segundo lugar para que haja a perpetuação da espécie que já está intrínseco na vontade. É o grande prazer dos sentidos que leva a tendência totalmente ilusória, que nos leva a querer viver, a mesma razão que nos leva a agarramo-nos a vida é a mesma ilusão que tememos a morte. Ambas as ilusões nascem da vontade destituída de conhecimento, pois se o homem fosse o contrário e fosse um ser que conhece, então a morte seria uma coisa boa, seria bem vinda e sairia a seu encontro. É a vontade que faz o homem temer a morte, mas a vontade é a única que não é atingida por tal.

A vontade nos força, inconscientemente, a sermos escravos dela, mas ela tem seu papel junto ao intelecto do homem. O intelecto faz parte do sistema nervoso cerebral. Segundo Schopenhauer (2005), esse sistema, como o resto do corpo, é a vontade objetivada. O intelecto depende do organismo corporal e esse organismo, por sua vez, só tem função através da vontade. Deste modo, o corpo é o elo mediador entre a vontade e o intelecto, embora na conclusão da análise desse fato percebamos que tudo isso só existe pela vontade que oferece, através do espaço, a contemplação do intelecto.

A consciência é tudo na vida do individuo e a morte aparece como o fim dela e até mesmo após a morte a vontade sobrevive, pois ela é a própria vontade de vida. O temor da morte se mantém por causa da ilusão que o “eu” irá desaparecer enquanto o mundo permanecerá cada vez mais vivo. No entanto, Schopenhauer (2007, p. 65), defende que esse processo se dá ao contrário: “o mundo desaparece, enquanto a substância íntima do eu, o suporte é o criador desse sujeito, em cuja representação constituía toda existência do mundo, persiste”. Deste modo, a morte é a perda da individualidade e a conquista de outra, sendo essa conquista também direcionada pela vontade, pois só a vontade produz a existência do homem junto com o conhecimento do seu eu, mas a própria natureza desse eu é incapaz de mantê-lo nessa existência. Então, a morte é a contradição dessa existência individual, pois, tudo que nasce, nasce para morrer. Portanto, a existência começa a se prolongar em direção ao infinito com

firmeza em seu caráter agindo sempre da mesma maneira, levando ao tédio constante. Por isso, segundo Schopenhauer, o ser tem que acabar para que surja outra forma nova e diferente. Isso significa que sem a morte não há nascimento, apesar de que uma independe da outra.

Não vemos nas teorias de Schopenhauer formas concretas que possam afirmar que o nascimento do individuo dependa da morte de outro. Suponhamos que não exista o fim (a morte), o que o nascimento traria de mal à humanidade? Talvez a superpopulação do mundo, como já ocorre em alguns lugares. Partindo da suposição que a morte não existe, o homem que conhece provavelmente enlouqueceria, pois não haveria outra maneira de se livrar da vida. No entanto, se a morte não existisse como o homem tomaria conhecimento dela? Deixaremos estes questionamentos para outro momento.

Não há um elo entre o nascimento e a morte senão a vida. Morrer significa libertar-se de uma individualidade pequena e única. Schopenhauer afirma que, ao morrermos, outro individuo nasce dando continuação à espécie. Deste modo, esta liberdade é tão ilusória quanto o temor da morte.

Como é de conhecimento comum, a morte é a única certeza que temos, é a única certeza que a vida nos proporciona. No entanto, com essa certeza surge uma série de indagações como o que é a morte e o que encontramos nela. No intuito de responder essas perguntas, surgem diferentes respostas e encontramos em Schopenhauer mais uma possibilidade de compreender esse enigma. Segundo este filósofo, não há nada após a morte do mesmo modo como não há nada antes de nascermos. Isso implica dizer que sem a morte não há nascimento. Muito embora, isso não significa, necessariamente, que o individuo precise morrer para que outro nasça e vice-versa.

2. Análise da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

A obra de Machado de Assis já foi analisada por diversos enfoques, teorias de diferentes naturezas como filosóficas, psicológicas e histórico-sociológica. Não é difícil encontrarmos interpretações que afirmam que a obra deste autor nada mais é do que um retrato de fatos ocorridos na sociedade brasileira ou que a obra de Machado é fundamentada em outros autores. Embora não se possa negar que as obras machadianas sofreram influências de diversos autores, haja vista que o próprio Machado era leitor de uma vasta literatura, nos propomos a refletir se estas influências podem tirar a originalidade deste autor. Com tantos questionamentos sobre a originalidade de sua obra, Machado de Assis (1984, p.05) responde: “a obra em si mesma é tudo”. Essa frase tem como pilar fundamental a afirmação da autonomia da obra de arte, autonomia que Brás cubas exige para sua obra.

Observamos que em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1984) há uma forte influência das teorias de Schopenhauer, como o pessimismo e ceticismo, de modo que tal influência pode chegar a confundir o leitor quanto a saber qual origem da ideia exposta por Machado. Diante das comparações entre esses dois autores, essa influência não prejudica a valorização da obra machadiana, uma vez que a maneira como ele articula a visão filosófica e a crítica à realidade torna a obra de importância singular, por tratar de uma temática tão delicada, o mistério da vida através de Brás Cubas. A realidade aqui exposta mostra-se tão triste e angustiante quanto a do funeral.

Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com apenas galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio...O melhor prólogo é o que contém menos coisas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado (p.06)

Observe que o romance é iniciado de um modo diferente dos outros. Temos aí um prólogo direcionado ao leitor, no qual o narrador faz intromissões na narrativa. O que difere é que o narrador nasce assim que o personagem morre. A ordem natural da leitura motiva as compreensões. “[...]De simpatia dos críticos de arte subjetivistas, que

vem na simpatia um instrumento para a auto anulação do leitor e para a compreensão da obra de arte em todo o esplendor de sua autonomia”(p.62).

A leitura desta obra machadiana nos remete a descobrir que Brás Cubas faz de sua vida uma paranoia, deixando explicito o seu propósito (idem, p. 31): “confessar lisamente o que foi e o que deixou se ser”. Isto só afirma que Brás cubas enquanto narrador observa a si mesmo como se a sua identidade pudesse aparecer refletida em um espelho, ou seja, uma forma de unificar uma identidade com a multiplicidades de suas vivências.

2.1 - Um defunto autor

Como vemos, esta obra já se inicia com o prólogo ao leitor, no qual o narrador faz intromissões na narrativa do personagem Brás Cubas é espontâneo, original e diante da vida falsa e difícil não recua diante de tais obstáculos, nem mesmo da pretensa necessidade de contar a história de sua vida, Brás Cubas diz que:

Algun tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo principio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escritor ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o pentateuco (p. 06)

Brás Cubas tem a capacidade de transparecer em sua escrita um tom simples e inocente, palavras sinceras que poderiam ser lidas por qualquer ser racional e fazê-lo pensar: como seria escrever memórias partindo do fim e não do começo? No segundo parágrafo, o narrador nos leva ao seu próprio enterro. Neste,o personagem começa a se indagar sobre a sinceridade dos poucos amigos presentes naquele momento

Dito isto, expirei ás duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia – peneirava uma chuvinha

miúda, triste e constante, tão intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu á beira de minha cova: “vós que o conhecestes, meus senhores vós podeis dizer um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói á natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado”(p. 07).

Mas tal originalidade não se resume apenas pela sede de querer ser original de Brás Cubas, porque ao mesmo tempo em que ele esconde, mas também faz ver. “Este equilíbrio tem a ver, pela ordem da metáfora que Brás Cubas traz com suas “rabugens de pessimismo”, que são inevitáveis, já que se trata de uma “obra de finado”, ou seja, na obra de um defunto autor” se torna terrível, pois, é nela que se revela um sentimento âmago e rígidos nas memórias póstumas (1984, p.05).

E por incrível que pareça, são estes sentimentos que caracteriza o “defunto autor”, impossibilitando a confusão quem o é Brás Cubas personagem e Brás Cubas narrador. O Brás Cubas narrador só nasce quando morre Brás Cubas personagem, ou seja, um morto que narra.

Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma ideia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade. Vou expor –lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.(...) Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se me uma ideia no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, entrou a bracejar, pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volatim, que é possível crer. Eu deixe-me estar a contemplá-la. (...) decifra-me ou devor-te. Esta ideia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade.(...) tal foi a origem do mal que me trouxe a eternidade.(...)(p.09)

Nós sabemos que tudo que tem o seu fim, tem o seu começo. Brás Cubas o “defunto autor” inicia suas memórias, com o seu fim, as interpretações acerca da origem de Brás Cubas são tão múltiplas quanto as tentativas de determinar a origem de Machado de Assis.

A história do nascimento de Brás Cubas é narrada nos capítulos IX e X das memórias, no qual o autor deixa de lado a sua originalidade escritas no primeiro capítulo e agora começa a narrar o seu nascimento do jeito popular. Vejamos no seguinte trecho:

Tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. (...) Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, por que meu pai tinha-me em grande admiração; e se ás vezes me repreendia, á vista da gente, fazia-o por simples formalidade em particular dava-me beijos (p.16)

Tomando desta compulsão á antecipação, que priva de todas as coisas o seu valor e o seu sentido, Brás Cubas passou os dez anos seguintes “recluso, indo de longe em longe a algum baile, teatro ou palestra, mas a maior parte do tempo passei-a comigo mesmo. Vivia; deixava-me ir ao curso e recurso dos nossos sucessos e dos dias, ora buliçoso, ora prático, entre a ambição e o desânimo”(idem, p. 64).Cumpre notar como, nesses anos de reclusão, Brás Cubas entregou-se radicalmente em optar que, nas seções “na Tijuca: O desabotoar da flor amarela” e “que não escapou a Aristóteles”, associamos á volúpia do aborrecimento.

O problema é que, como o próprio Brás Cubas (idem, p. 32) anotou no capítulo XXV, aquele em que cunhou a expressão “volúpia do aborrecimento”, esta volúpia dificilmente é duradoura. Naquele momento, ele facilmente abriu mão dela com uma alta exortação: “Reagia a mocidade, era preciso viver”

2.2. Machado de Assis e a vontade

Parece que convidar Schopenhauer a um papel tão importante que é servir de influência para grandes “deuses” da literatura é um pouco equivocado, mas preferimos dar esta ênfase ao fato de que um deus não comanda um céu ou um inferno sem seus súditos ou admiradores. E nos parece que Machado veio com esta visão de mundo, um mundo que é muito mais cético, pessimista, como de alguns filósofos pelo uso mais radical de certo tipo de pessimismo de um lado, e pelo humor corrosivo, de outro.

Tal ponto tem um interesse certo porque, para começar, não era comum os nossos romancistas terem leituras filosóficas. Diante de maravilhosas leituras que nos levaram a um ponto extraordinário jamais sentido por um sermos leitores comuns, foi possível observarmos uma "conexão schopenhauriana" no autor do grande Brás Cubas. Não se pode negar que a conexão existe. Não se pode negar que Machado de Assis

não só leu Schopenhauer, como também o compreendeu, o que era muito significativo na sua época.

Algumas passagens de Memórias Póstumas denunciam como Machado se identificou com as filosofias de Schopenhauer. E Machado que era um autodidata em tudo, e, muito particularmente, em filosofia através da visão schopenhauriana que traz determinadas exclusões e, antes de mais nada, a exclusão de filosofias da história totalizantes em suma, daquilo que se poderia chamar, de uma maneira geral, o hegelianismo ambiente, o hegelianismo como caldo de cultura filosófica. Na filosofia de Machado de Assis, é possível ver de maneira bastante persuasiva que esse ponto se demonstra bastante significativo, mas também percebemos que ele tomou cuidado de não desmerecer a filosofia hegeliana, não devemos pensar que Machado tomou para si cada grande posição da filosofia schopenhauriana.

Alguns críticos acreditam que a metafísica da vontade, ponto culminante da filosofia de Schopenhauer, não parece ter sido subscrita por Machado. Afirmação esta que não se confirma no trecho abaixo:

Estou sonhando, decerto, ou, se é verdade que enlouqueci, tu não passas de uma concepção de alienado, isto é, uma coisa vã, que a razão ausente não pode reger nem paupar. Natureza, tu? A natureza que eu conheço é só mãe e não inimiga; não faz da vida um flagelo, nem, como tu, traz esse rosto indiferente, como sepulcro. E por que Pandora? – porque levo na minha bolsa os bens e os males, e o maior de todos, a esperança, consolação dos homens. Tremes? (MPBC, cap. O delírio).

A passagem acima expressa um dos conflitos que o homem possui em sua vida, trazendo à tona a consciência, questão abordada também por Schopenhauer que afirma que apenas é possível perceber o domínio da vontade sobre o mundo quando o homem toma consciência.

Segundo Schopenhauer (2005), a vontade já nasce com o indivíduo, mas não morre com ele e em meio a nossa existência somos escravos da vontade. Disto surge a dúvida em Machado (1984, p.35): se a vontade é própria da natureza, então porque és “inimiga; não faz da vida um flagelo”? É justamente isto que a vontade proporciona. Mas, ao que parece, Machado não quis aceitar esta teoria e simplifica-a dizendo que o indivíduo é o que é, não por causa de deuses ou muito menos por causa de um plano

metafísico. Schopenhauer em momento algum de suas obras fez questão de explicar o seu início e muito menos o seu fim importando apenas o seu meio.

Para Machado, o indivíduo carrega consigo os bens e os males e os maiores de todos os males é a esperança que se fosse boa não estaria na caixa de Pandora. Machado enfatiza em seu próprio título do capítulo de Memórias Póstumas de Brás Cubas “O delírio” que a esperança é um delírio cego e irracional. Já em Schopenhauer, definiria como a vontade que escraviza e sentimos o prazer em servi-la. Para Schopenhauer o homem é movido pela vontade enquanto para Machado é pela esperança, ou seja, ambas tem o mesmo sentido.

O que dá ênfase neste sentido é, sobretudo, o confronto de apetites, o que não deixa de levar, indiretamente, à metafísica da vontade. O caso de Virgília e Brás é paradigmático: o que é Flora, senão um estado estético evanescente, que desaparece dessa vida diante da impossibilidade de dar razão a apetites contrários, cada um mais cego do que o outro, a ambições contrárias, cada uma mais limitadora e relativa do que a outra, como no famoso duelo que existem entre ambos. De uma maneira geral, atrevemo-nos a sugerir que isso permite outras relações de confrontação e comparação, haja vista que uma boa parte da literatura moderna está impregnada na filosofia de Schopenhauer.

Este filósofo foi muito singular do ponto de vista da sua influência, pois, não tendo reconhecimento quando em vida, a não ser rigorosamente nos seus anos finais, teve tremenda influência *post-mortem*, sobretudo no período pós-romântico, declinando esta embora no período moderno. Mas a verdade é que ele continua a influir em figuras absolutamente centrais também no período moderno. Alguns autores literários se utilizaram de teorias diferentes do pensamento de Schopenhauer.

Para Machado, não há individualidade na sua própria essência. Mas é, sobretudo, o embate dos apetites, é uma visão que desqualifica todas as ambições, todos os apetites, todos os impulsos em nome de uma possível contemplação estética de tipo nirvanista e, em última análise, de tipo pessimista, é o famoso pessimismo de Schopenhauer e por que não de Machado?

Não nos surpreende Machado ter apresentado uma visão pessimista sobre a sua vida e muito menos ter escrito isto em suas principais obras, pois como já afirmou

Miguel Reale (2011, p.19):“Machado encontrou abrigo e consolo na doutrina de Schopenhauer.”

É importante ressaltar que Machado mantém a mesma ideia de que o mundo é ruim que todas as coisas são magníficas de ver, mas temíveis de ser ou que a vontade, o tédio e a dor são sentimentos que se dão sequência, um não existiria sem o outro, sendo os três o oposto e um “inimigo” da felicidade humana. O que parece é que Machado tomou cuidado para não se tornar um plagiador das ideias de Schopenhauer, mas transformou- as em metáforas.

Mas alguns críticos ainda assumem a posição de afirmar que Machado de Assis não foi adepto a metafísica da vontade, que Schopenhauer formula como coisa - em -si a partir das teorias de Kant sobre o transcendental ,incognoscível. Como afirma Reale (2011, p. 20)

É nesse exagero que incide por exemplo Raymundo Faoro, apesar de reconhecer que Machado de Assis “ não se submeteu inteiramente a Schopenhauer”. Faoro soube fixar com acuidade alguns pontos em que a presença do filósofo alemão se torna deixado seduzir pela cosmovisão Schopenhaueriana a tal ponto que a sua ideia de natureza possa ser considerada a “tradução machadiana da vontade de Schopenhauer”

Se mantendo firme diante de suas ideias acerca da dúvida que existe entre a “vontade” de Machado e a vontade de Schopenhauer, parece que não foi o suficiente para convencer-nos do contrário. Através de leituras de alguns comentadores da obra de Schopenhauer, concluímos que a vontade tanto em Machado como no filósofo são a mesma.

A interpretação que Schopenhauer faz é que a objetividade da vontade se afirma no corpo, é nesta que a vontade se manifesta com mais força e clareza, muito embora ela não se manifeste apenas no corpo, mas também tem acesso ao íntimo do ser e é através dele que a vontade pode dar movimento ao corpo, ou seja, pequenos movimentos do nosso corpo só são possíveis porque a vontade permite tal movimento.

Será que este pequeno trecho já não é suficiente para explicar que a vida é movida pela vontade, que a vida é a própria vontade? E por mais que pareça que Machado de Assis não quisesse aceitar ou simplesmente citar tal teoria metafísica ele acaba fazendo um “eterno retorno”, pois tratar de questões sociais, sexuais, filosóficas

não fogem da discussão acerca da vontade schopenhaueriana. É o que afirma Reale (idem, p. 21)

De haver descoberto o fundamento metafísico do mundo o demonismo da vontade que guia sem meta nem destino todas as coisas e os fantoches de carne e sangue. Se Faoro nos traz um elemento novo e essencial [...], reduz sem razão o seu conceito (melhor seria dizer: a sua “imagem” de “natureza” á “vontade” entendida como principio metafísico, á maneira de Schopenhauer.

Na crônica “A semana” de Machado de Assis (2011, p. 21), cujo enredo narra a tragédia de uma criança abandonada pelos seus pais, morrendo sob as bicadas de galinhas famintas, nos chama a atenção pela semelhança entre a descoberta transcendental do amor também visto em um dos capítulos da obra “O mundo como vontade e como representação” de Schopenhauer. O amor, em ambos, só obedece aos ocultos impulsos vitais que são direcionados ao embrião, e é também na obra de Machado que se tem um dialogo entre a criança e o filosofo – “cala a boca Abílio” brada o pensador com sua velha irritação. “tu não só ignoras a verdade, mas até esqueces o passado. Que culpa podem ter essas duas criaturas humanas, se tu mesmo é que ligaste? [...] foi a tua ânsia de vir a este mundo que os ligou sob a forma de escolha.

Machado parece ter colocado nesta obra a explicação a vontade como um professor que adapta seu conteúdo ao cotidiano do seu aluno para que haja um melhor entendimento do conteúdo. Para Schopenhauer, o amor não existe, pois este refere-se apenas a um conceito para explicar a objetivação da vontade para que haja uma procriação de um novo individuo que irá servir a vontade. Assim, o amor só serve para a procriação e nada mais do que isto e que Machado explica muito bem na obra citada anteriormente.

Dos quatro conceitos metafísicos de Schopenhauer (coisa em si, vontade, natureza e vida), Machado se utilizou apenas das duas últimas, agregando a estas sua própria cosmovisão artística e literária. A vida é um fator importante para ambos os autores. A vida como ela acontece, e como já foi dito antes, não se pode entender ou aceitar a morte se não houver uma reflexão sobre a vida.

O destino nos agarra e nos mostra que nada nos pertence e tudo lhe cabe, tendo ele direito incontestável sobre tudo que possuímos e adquirimos, mulher e filhos, e mesmo sobre nossos braços, pernas, olhos e orelhas e até sobre esse nariz que

carregamos no meio do rosto” (apud. Reale, p.127).Embora este trecho se assemelhe ao estilo literário de Machado, na verdade se trata de um trecho da obra de Schopenhauer, a saber *Aforismo para a sabedoria de vida*.

Em Virgília, personagem de Memórias Póstumas de Brás Cubas (1984, p. 34) temos o exemplo claro que comprova o conceito da vontade em Schopenhauer. Como se observa no trecho a seguir

era justamente a senhora, que em 1869 devia assistir aos meus últimos dias, e que antes, muitos antes, teve larga parte nas minhas mais íntimas sensações. Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa.

Como observa-se, Virgília aparece como expressão estupenda da vontade de viver tanto metafísica, como para uma realidade palpável. Como uma única figura representada tanto o mundo metafísico quanto o mundo real? Talvez uma possível resposta para esta pergunta se encaixe na força oculta que domina todas as coisas e principalmente os homens.

Virgília torna-se peça chave para explicitar melhor essa vontade. Consoante com Schopenhauer, a vontade se objetiva, principalmente, na hora da procriação da espécie, isto é, o sexo e o amor só serve para que a vontade se realize, realize seu desejo momentâneo, cego sem nenhum fim concreto a não ser a realização de um único desejo.

Foi isto que Brás Cubas - personagem foi procurar em Virgília: conhecer e saciar seus desejos carnis servindo cada vez mais a vontade. Schopenhauer denomina esse movimento, que parte de dentro, de causalidade ou motivação a própria natureza, natureza esta que também é considerada por Machado, mas tratada de forma mais simples: como somos o que somos por que nascemos assim, movidos por nossos instintos. A parte analógica se encontra na intelecção a todos os corpos do mundo, que é guiado pelo sentimento, levando então ao conceito de vontade de vida como universalmente coisa -em- si que se conclui em fenômenos.

Schopenhauer argumenta que essa objetivação da vontade traz consigo uma espécie de auto-discórdia que tem como origem ela mesma. A vontade se realiza na guerra travada pelos indivíduos a todos os minutos de sua existência. Este fato

acontece através de uma matéria constante do mundo, tendo como fim de exporem e afirmarem a sua espécie. Essas reflexões levaram Schopenhauer a definir o princípio do sofrimento e dor do mundo, formulando um pessimismo metafísico, pessimismo este que traz em si um conflito que se caracteriza como a manifestação da discórdia essencial da vontade consigo mesma.

Nada escapa da vontade, isto porque qualquer movimento realizado pelo corpo de um indivíduo desde o levantar de um braço, o desejo de comer algo ou até mesmo o desejo de fazer sexo são movimentos que são apenas realizados por força da vontade e Machado, ao que nos parece, teve noção de que estava sendo levado por uma força que ele a servia cegamente. Este, por sua vez, ele denominou por natureza. Natureza esta que o colocava em um fogo cruzado do que tem e o que não tem sentido, ou seja, a vida destinada ao desfecho inexorável da morte, ou seja, a vida que já é em si mesma uma forma de morrer.

2.3. A vida em forma de morte

Podemos afirmar que tudo está direcionado a morte. Este direcionamento prepara a segunda vida de Brás Cubas, como dissemos anteriormente, a uma vida que não começa com o seu nascimento biológico, mas com o nascimento do defunto-autor. Muitos filósofos afirmam que não se pode filosofar a vida separando-a da morte, pois uma não vive sem a outra, não existe nascer sem morrer. Este é um problema muito simples que a pessoa mais leiga que existe entre nós sabe deste fato, no entanto, o problema é mais complexo do que se espera, afinal, a vida não é de fácil explicação e muito menos a morte que ainda se encontra inexplicável, isto porque a sua existência, seu princípio é mais fácil de serem explicados, mas poucos tentam explicar o seu fim, muito menos o que há depois dele.

Dando ênfase a grandes “deuses” literários já citados antes, Machado de Assis em “Memórias póstumas de Brás Cubas” traz algo inexplicável: como se haveria de se ter memórias póstumas? Também dando uma confiável e cética explicação sobre a morte, Schopenhauer revoluciona ideias como uma forma de realmente colocar a morte como fim para tudo.

De fato, ocorre uma grande disputa de interpretações que envolvem a filosofia de Schopenhauer com a literatura de Machado, existe realmente um fogo cruzado do que tem e do que não tem sentido, ou seja, a vida destinada a morte, através deste modo de ver que a imagem de natureza que Machado tanto enfatiza nada mais é do que a objetivação da “vontade de viver”.

Se pegarmos a biografia destes dois escritores, perceberemos nitidamente que suas vidas lhes mostraram o outro lado da face. Uma face falsa, cheia de artimanhas, que, infelizmente, é a verdadeira face da humanidade. Por algumas pessoas pensarem apenas no lado “ruim” da vida ou transformar o que se parece que é bom em algo amargo e doloroso é resumido em uma única palavra insignificante para uns, mas uma palavra equivocada para outros: pessimista, que é um termo que se encaixa na vida, leitura e escrita de ambos os autores citados.

Talvez a palavra “pessimismo” tenha adquirido um novo sentido na literatura e na filosofia destes “deuses”, focar na realidade é para Machado e Schopenhauer colocar ênfase o que realmente existe na sociedade corrompida pelo egoísmo, pela maldade existente na essência de cada indivíduo, dominada por uma força inexistente, inexplicável.

Machado era mulato epilético e gago, características que o marginalizava, tendo em vista os padrões sociais, ou seja, ele era a encarnação amarga de um ser projetado à sua revelia nos quadrantes do mundo inserido. Schopenhauer, por sua vez, também enfrentou momentos amargos, órfão de pai e com problemas com a sua mãe, cresceu e se tornou um grande gênio da filosofia, solitário, nada, mas justo do que ver realmente como a vida se apresenta.

Seria mais fácil se eles tivessem se isolado e terem passado o resto de suas vidas inúteis reclamando dela, no entanto, sem obstáculos e tristezas não temos histórias para contar e estes fatores encontramos nas obras aqui analisadas, uma vez que as experiências de vida desses homens serviram de base para a produção destas obras, remetendo-nos ao conhecimento filosófico e literário.

Schopenhauer argumenta que não se pode pensar a morte independente da vida, pois nascemos para morrer e somos essencialmente preparados para isto. Nisto não temos um problema de ordem filosófica, a indagação que surge a partir desta

questão é: Se nascemos para morrer e passamos a vida inteira sabendo de tal fenômeno (a única coisa que temos certeza), então por que temos tanto medo da morte?

O medo da morte, segundo a teoria schopenhaueriana, se resume em considerá-la um mal para todos. Assim, o grande mal se deve a não ter consciência que a vida é o próprio mal, ou seja, a vida é a vontade em si, querer viver é querer servir cegamente a vontade de vida.

Para Machado, não é muito diferente, haja vista que as pessoas vivem suas vidas sem pensar no outro, passando por cima de outras pessoas, excluindo algumas tentando viver o máximo suas vidas inúteis sem se importar com o outro. Esse modo de observar a realidade se assemelha com a teoria de egoísmo de Schopenhauer, no entanto, deixaremos esse enfoque para trabalhos futuros.

O pessimismo encontrado tanto nas obras de Schopenhauer quanto nas obras machadianas se dá em uma sociedade geograficamente distinta, mas que forma uma única humanidade, uma humanidade que envelhece cada vez mais, que não muda nunca. A vida para eles parecia amarga, cruel, injusta. Na fala de Brás Cubas personagem, encontramos a mesma linha de pensamento do filósofo. Observe o seguinte trecho (1984, p.117)

Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de Dona Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.

O que parece é que Brás Cubas não deixou nada pendente em vida e ainda foi de “alma limpa” para o outro lado, pois tudo que fez foi justo, uma vez que ele tratou a vida como ela o tratou. Se ao nascer, tivessem lhe dado o direito de falar teria perguntado: “Aqui estou. Para que me chamaste?”(idem, p. 65). Toda a perplexidade existencial e todo o drama inesperado da vida que a filosofia contemporânea de Schopenhauer, soube tão bem pintar, já está debuxado por Machado na figura singela de Dona Plácida, chamada pelos pais, “num momento de simpatia” para quê? Para “queimar os olhos[...]” (idem, p.68)

Schopenhauer (2005) sempre argumentava em suas teorias “que não existe nada antes do nascimento, então também não existe nada após a morte”. Levando em consideração esta afirmação, a princípio é estranho pensar em Brás Cubas voltando para escrever suas histórias. Em momento algum, o personagem relata sua vida após a morte. Até então, o que há depois da morte permanece um enigma, um enigma que Machado não ousou escrever, até porque não é do feitio de um literário construir suas histórias partindo do senso comum. Não que ele não pudesse, mas pensar em uma resposta especulativa sobre a morte qualquer ser mortal constrói tal resposta.

Começar uma história contada por um defunto-autor é um enfoque diferente e Machado foi ousado ao ponto de dedicar a sua obra a seres que, para a maioria das pessoas, são seres insignificantes: os vermes. “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias” (1984, p. 01)

Neste trecho, observe que Brás Cubas dedica sua obra justamente a estes seres “insignificantes” e não a algum ser vivo, a algum ser que possa ter marcado tanto Brás em sua vida que ele possa ter levado esta marca após ela.

A forma como Brás Cubas trata a vida é muito delicado, por mais que pareça pessimista e triste é possível percebermos o quanto ele toma cuidado em criticá-la e é justamente neste princípio de não está apenas se tratando da sua vida, mas da vida em si, da vida da humanidade.

As pessoas tendem a complicar a vida, complicando não apenas a sua, mas também a vida alheia. Por mais que a vida possa parecer horripilante, temos que levar em conta que não estamos sozinhos neste mundo e que por alguma força, seja a natureza de Machado, seja a vontade de Schopenhauer, as nossas vidas estão interligadas. Machado teve todo cuidado em abordar algo que é tão importante quanto a vida. Ao mesmo tempo que sua obra foi construída sobre um cuidado minucioso sobre a vida, Machado fez o mesmo, mas com aquele toque de discordância, uma forma de dizer aos leitores sua metáfora está lá para abrir os seus olhos, de lhe mostrar que a vida é bem mais profunda do que se apresenta aos nossos olhos. Como se observa no trecho abaixo:

Algun tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar meu nascimento ou a minha morte. Suposto

o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor[...]; a segunda é que o escrito ficaria assim mais novo. (p.07)

Como se percebe, Brás Cubas tomou o cuidado de iniciar sua obra fazendo o inverso, falando em princípio da morte e não do nascimento, uma morte que para muitos é uma morte carnal, como se contradissesse as teorias de Schopenhauer sobre não existir nada após a morte.

A metáfora que trás consigo um ar sombrio é uma bela extensão das teorias de Schopenhauer, levar em conta o meio social que ambos viveram como já foi dito antes sociedades diferentes e uma única humanidade é o que me interessa no momento. Não seria estranho sentir-se morto em meio a uma humanidade corroída pelo preconceito e pelo egoísmo. Poderíamos até dizer excesso de egoísmo, mas a palavra responde por si. Sentir-se em decomposição, se sentir imóvel todos se sentem, mas talvez não assuma para si próprio, não tomam consciência do que está acontecendo.

Brás Cubas escreve suas memórias póstumas não contando sua experiência após a morte, como é o suposto lugar que guarda todas as almas danadas¹ como é a sensação de se está morto, como é a sensação de ser corroído por vermes aparentemente inúteis. Mas não, Brás Cubas conta sua história desde o dia de sua morte ao seu nascimento fazendo o caminho inverso, contando seus amores, quem era seus verdadeiros amigos, sua primeira transa, mas em meio a todos estes fatos se descobre que a vida não é uma coisa maravilhosa, que morrer é como Schopenhauer (2007, p.25)afirma “é quebrar toda a vontade que se objetiva nas nossas ações em vida, que servimos cegamente”.

Tomar consciência é se livrar da vontade, ter uma segunda opinião sobre que é viver realmente. Como se observa no trecho a seguir: “A minha ideia, depois de tantas cabriolas, constituíra-se ideia fixa. Deus te livre, leitor, de uma ideia fixa; antes um argueiro, antes uma trave no olho” (1984, p. 09). A morte para Machado não é algo que o incomoda, pelo contrário, é a vida que faz isto é claro quando o individuo que conhece toma consciência.

¹ É um termo utilizado por Dante Alighiere (1999) em seu livro “A divina Comédia”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a vida consiste em um exercício complexo e longo e, muitas vezes, nem todos conseguem compreendê-la. E um dos maiores mistérios que cercam a vida é o seu oposto, ou seja, a morte. A própria filosofia afirma: “A morte é musa da filosofia”. Em outras palavras, a morte é um dos conceitos mais enigmático e inquietante, de modo que a cada tentativa que surge a fim de explicá-la, surgem outras perguntas, deixando-a cada vez mais misteriosa. Para discutir essa temática nos utilizamos de dois autores conceituados por sua literatura e filosofia, a saber: Machado de Assis e Arthur Schopenhauer, respectivamente. Nesta perspectiva, nossa pesquisa foi realizada a partir de um paralelo entre a concepção de Schopenhauer sobre a morte e a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (MPBC), ambos trazem em seus escritos uma nova e diversificada resposta para a morte.

De um lado, a morte em vida, a morte de uma sociedade corrompida pelos instintos, preconceitos e egoísmo. Machado, através de Brás Cubas se utiliza da morte para fazer uma crítica à sua vida e à sociedade, partindo de outro ângulo, a visão proporcionada por um defunto. Nesta perspectiva, a maneira como a vida e a morte é retratada dialoga com a filosofia de Schopenhauer. Uma vez que ambos os autores retratam a vida de maneira pessimista, levada por instintos humanos embora Schopenhauer denomine como “vontade”

A vida para este dois autores precede a morte. Tanto a vida como a morte enquanto forma de aniquilação de todas as coisas. Tudo tem seu fim, assim como tem seu começo e para Schopenhauer não existe nada antes do nascimento, assim como não existe nada após a morte. E, através desta pesquisa, observamos que Machado confirmou essa maneira de observar a morte ao escrever MPBC, uma vez que o personagem desta obra não teve a preocupação em fantasiar um relato do que existia após a morte, mas sim criticar sua vida, no qual era um morto. Um morto de alma, de consciência. Confirmando assim a teoria de Schopenhauer: “não há nada após a morte”.

Somos apresentados à diversas formas de se analisar a vida e uma das mais reflexiva consiste nos fundamentos da filosofia. José Mojica Marins (1964), afirma em um de seus filmes: “O que é a vida? É o princípio da morte. O Que é a morte? É o fim

da vida. O que é a existência? É a continuidade do sangue. O que é o sangue? É a razão da existência!”. Estas perguntas, aparentemente banais, podem nos instigar a tentar compreender o princípio e o fim de todo ser existente sem dar continuidade a respostas já existentes em nossas vidas. Schopenhauer nos propõe a trazer mais uma resposta cética ao que poderia existir após a morte e Machado, embebido dessa filosofia schopenhaueriana complementa o enredo de sua obra, reafirmando não existir nada depois do fim do indivíduo.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Moderna, 1984.
- PESSOA, Patrick. *A segunda vida de Brás Cubas: A filosofia da arte de machado de Assis*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever* (Tradução de Pedro Sussekind). Porto Alegre: Editora Lepam, 2008
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Da morte metafísica do amor* (Tradução de Pietro Nasseti). São Paulo: Martin Claret, 2007.
- SHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo: Unesp, 2005.
- LEFRAN, Jean. *Compreender Schopenhauer* (Tradução de Ephraim Ferreira). Petrópolis: Vozes, 2005.
- BARBOSA, Jair. *Schopenhauer: A decifração do enigma o mundo* (Tradução de Jair Barbosa). Petrópolis: Moderna, 1997.
- BABOSA, Jair. *Schopenhauer* (Tradução de Jair Barbosa). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- ASSIS, Machado de. *A semana*. Disponível em: <www.machadodeassis.ufsc.br/.../cronicas/CRONICA,%20A%20seman...>. Acesso em: 05 fev. 2011.
- DEBONA, Vilmar. *Pensamento autônomo e ensino de filosofia: Uma reflexão a partir de Schopenhauer*. Disponível: <http://periodicos.unitau.br/ojs-2.2/index.php/humanas/article/viewFile/727/566>. Acessado em mar. 2011
- DIAS, Rosa Maria. *O autor de si mesmo: Machado de Assis leitor de Schopenhauer*. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-512X2005000200020&script=sci_arttext. Acessado em mar. 2011.
- MANN, THOMAS. *Schopenhauer, Nietzsche, Freud*. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/mPfnlB/SchopenhauerNietzscheFreud-.htm>. Acesso em: jan. 2011.
- MARINHO, Liliane. *Schelling e Schopenhauer: presença pós kantiana na literatura de Proust*. Disponível: <http://revistaitaca.org/versoes/vers11-09/163-170.pdf>. Acessado em fev. 2011.

_____. *Música, arte e sofrimento em Schopenhauer e Proust*. Disponível: <http://revistaitaca.org/versoes/vers06-06/61-67.pdf>. Acessado em ago. 2011.

NUNES, Sandra Regina. *Sobre livros, leituras e literatura*. Disponível: http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_19/sandranunes.pdf. Acessado em jul. 2011.

PAULA, Diego Martins de; VOLOBUEF, Karin. *A filosofia de Schoopenhauer na poesia brasileira*. Disponível: http://prope.unesp.br/xxi_cic/27_32322235830.pdf. Acessado em fev. 2011

REALE, Miguel. *A filosofia na obra de Machado de Assis*. Disponível em:

SALVIANO, Jarlee Oliveira Silva. *Desconfortável consolo: a ética niilista de Arthur Schopenhauer*. Disponível: <http://www.fflch.usp.br/df/cefp/Cefp6/salviano.pdf>. Acessado em fev. 2011.

STAUDT, Leo Afonso. *A descrição do fenômeno moral em Schopenhauer e Tugendhat*. Disponível: <http://www.cfh.ufsc.br/ethic@/ET32ART6.pdf>. Acessado em agos. 2011.

SOUZA, Victor Galdino Alves de. *Loucura e genialidade na filosofia de Arthur Schopenhauer*. Disponível: <http://www.ifcs.ufrj.br/~aproximacao/2008.2/Loucura%20e%20genialidade.pdf>. Acessado em mar. 2011.